

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

GISELE CORREIA CARVALHO

**Cores, formas e ressonâncias:
o espaço dos sentidos na pintura contemporânea**

Brasília,
2019

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

GISELE CORREIA CARVALHO

**Cores, formas e ressonâncias:
o espaço dos sentidos na pintura contemporânea**

Trabalho de conclusão do curso de Artes Visuais, habilitação em Bacharelado, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Professora Dra. Nivalda Assunção.

Brasília,
2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram para que eu concluísse esta jornada. Aos professores, pela clareza e paciência na transmissão dos conhecimentos, em especial ao professor Elder que despertou meu interesse pelo aprendizado da pintura e, principalmente, a minha orientadora Nivalda, pelo apoio, dedicação e orientação para que este sonho se realizasse.

RESUMO

Este trabalho investiga a ampliação de saberes e a instauração da pintura como linguagem, que se dá através da experiência, no fazer artístico, e da fundamentação teórica. Aborda o papel do artista como protagonista, autor e testemunha de sua obra. Ressalta os elementos materiais que compõem o campo pictórico da pintura, como a cor, forma, gestos, camadas, volumes, transparências, e também os imateriais como significados e ressonâncias. Destaca a coexistência destes princípios na ação, que se realizam num intercâmbio entre forças dinâmicas, entrelaçando espaços internos e externos, vida e arte, apresentando que através deste processo inter-relacional, o artista atua como um inventor de possibilidades e proposições para atender ao seu desejo de criação.

Palavras-chave: pintura, cores, formas, ressonâncias, espaço

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1. A PINTURA E SEUS DESDOBRAMENTOS.....	08
1.1 Cores e ressonâncias.....	11
1.2 Formas, movimentos e camadas.....	18
1.3 Gestos e pinceladas.....	28
2. AS OBRAS.....	31
CONCLUSÃO.....	33
BIBLIOGRAFIA.....	34

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Ornamento I.....	08
Figura 2 - Cartela de cores.....	11
Figura 3 - Kirimurê.....	12
Figura 4 - Arrebentação.....	12
Figura 5 - Pintura inicial (Plexo).....	14
Figura 6 - Plexo.....	15
Figura 7 - Senhora da minha lareira.....	17
Figura 8 - Viração.....	17
Figura 9 - Pintura inicial (Mergulho).....	19
Figura 10 - Detalhe (Mergulho).....	20
Figura 11 - Mergulho.....	21
Figura 12 - Expansão.....	23
Figura 13 - Retorno.....	24
Figura 14 - Polígono K2.....	25
Figura 15 - Detalhe (Profusão).....	26
Figura 16 - Detalhe (Profusão).....	26
Figura 17 - Profusão.....	27
Figura 18 - Polígono G13.....	29
Figura 19 - Detalhe (Retorno).....	29
Figura 20 - Obras expostas.....	33

INTRODUÇÃO

Cores, formas e ressonâncias: o espaço dos sentidos na pintura contemporânea refere-se ao trabalho de pesquisa em pintura, elaborado a partir do universo da cor, da sobreposição de camadas e da experiência do fazer artístico. Ele abarca as especificidades intrínsecas e extrínsecas desta arte, como intenções, ressonâncias, espaços, materialidade, gesto, textura, espessura, transparência. O ponto de partida desta experiência foi a criação de uma paleta de cores e a motivação foi a possibilidade de expressar a energia dinâmica do ato de pintar, que se deu através da junção dos elementos materiais selecionados com ideias, sentimentos, prática e teoria.

A escolha deste tema vem do desejo de ampliar os meus conhecimentos frente ao universo da cor e o uso da expressividade como sujeito, que resultam em um sistema de forças, num intercâmbio entre vida e arte, utilizando-se de recursos internos e externos com o objetivo de, através do fazer artístico, conceber a obra de arte, que se desprende deste movimento, como um fenômeno que adquire vida própria, independente e misteriosa.

No desenvolver do texto, apresento e descrevo as etapas de concepção das obras concluídas: *Expansão, Mergulho, Retorno, Senhora da minha lareira, Profusão, Plexo e Viração*, realizadas neste ano, em Ateliê II e durante este semestre. Abordo as pinturas, seus desdobramentos e possibilidades através das experimentações com o uso da cor e dos materiais, num entrelaçamento entre experiência e teoria, com embasamentos nos trabalhos de pintores e filósofos.

Wassily Kandinsky traz o universo da cor e da forma, baseado na percepção sensorial e no princípio da necessidade interior. A artista Pia Fries tornou-se a referência pictórica nesta pesquisa, pela liberdade de composição e características materiais em suas pinturas. Gaston Bachelard nos oferece a reflexão sobre o espaço da criação imaginativa, seus significados e ressonâncias. Sandra Rey conduz a fundamentação metodológica que se embasa nas ideias, procedimentos, significados em formação, deslocamentos e acasos, numa dinâmica que articula as intenções e experiências na construção de saberes. E, nesta abordagem ao final do processo de trabalho em ateliê, instaura-se a obra de arte ressaltando o papel do artista como autor e testemunho deste evento de criação.

1. A pintura e seus desdobramentos

A maneira que concebo meu trabalho em pintura se aproxima do pensamento de Barnett Newman, a qual se dá através da expressão do sujeito, de seu universo interior, num intercâmbio entre forças internas e externas, relacionando experiências e desejos. Newman, em 1948, causou uma revolução na pintura com a obra *Ornamento I* (figura1). Para os artistas daquele momento, pós segunda guerra, a pintura estava morta e era necessário um recomeço: "O despertar tinha o entusiasmo de uma revolução. Foi esse despertar que inspirou o desejo(...) de começar do zero, de pintar como se a pintura nunca tivesse existido" (Yve-Alain Bois, 2009, p.225). Newman encontrou uma temática própria que tanto buscava, e sua arte, a partir daquele momento, revelou-se, pois incorporou sentimentos específicos e poderia ser experimentada, cada qual, dentro da sua particularidade.



Fig. 1- Barnett Newman, *Ornamento I*, 1948.

Óleo sobre tela. 68,5x40,6 cm.

Coleção Annalee Newman, Nova York.

Busquei na pintura um caminho de possibilidades de expressão, criação e acontecimento. Um espaço imaginativo onde pudesse depositar meu olhar, minhas intensões e sensações para vislumbrar o aparecimento de algo, através de um fluxo espontâneo, com experimentações, expressões, vivências e aprendizados.

Desejava uma relação dinâmica e expressiva com esta linguagem, livre, intuitiva e natural, que refletisse uma ressonância interna e possibilitasse uma expansão sensorial, um flutuar imaginativo para além da matéria e, ao mesmo tempo, uma imersão no universo particular. As formas que surgiram destas elaborações, vieram deste encontro, entre o que eu desejava expressar e o processo do fazer.

Ao assistir a palestra¹ *O Lugar da Pintura*, do pintor brasileiro, Rapph Gehre, pude me identificar com o seu modo de conceber este ofício, que se dá através da junção da pesquisa e do trabalho, num ato contínuo. Ele cita que não se guia por regras para pintar, prefere que o trabalho conduza o trabalho, e, mesmo que parta de alguma ideia ou esboço inicial, é a pintura que prevalece, conduzindo a sua produção.

Foi na prática, no labor de cada dia que as ideias surgiram, conduziram, mudaram e muitas vezes, ultrapassaram as intenções iniciais. Quando me deparei com dificuldades que não sabia como solucionar, esperava o tempo agir, até que eu conseguisse entender que caminho era aquele que a pintura tinha me levado. Os elementos materiais, a sobreposição de camadas e as pinceladas expressavam a minha intenção, naquele momento, mas concorriam simultaneamente com os desejos que me fizeram começar aquele trabalho. Esta situação exigia um entendimento das escolhas feitas até aquela ocasião e pedia que eu me posicionasse e inventasse uma maneira de fazer as coisas acontecerem, para que esse incômodo acabasse e fôssemos para o próximo. Por vezes, achava que ele tinha terminado "Está pronto!", mas depois de alguns dias, olhando-o na parede sentia um desconforto que me levava a refletir novamente, tirá-lo de lá e fazer modificações.

¹ I Seminário Internacional de Estudos, Pesquisas e Práticas Artísticas, promovido pela GEPPA - Grupo de Estudos, Pesquisas e Práticas Artísticas no período de 11 a 13 de novembro de 2019 na Universidade de Brasília.

As imagens resultantes deste processo são marcadas pelo movimento, sobreposições de camadas de cores, extravasamento de manchas, interrupções, interpenetrações, enfim, por uma diversidade de caminhos pictóricos, cada vez mais distantes do modelo figura e fundo e também da pintura concebida como um projeto.

Foram muitos erros e acertos, e ao final, o trabalho se desdobrou em um corpo de pintura, que se concretizou pelo seu próprio caminho, dentro daquilo que foi possível alcançar. As sete telas finalizadas ocuparam um espaço, para além do bidimensional, e um lugar no mundo.

1.1 Cores e ressonâncias



Fig. 2 - Gisele Gomes, *Paleta de Cores*, 2019. Tinta acrílica sobre tecido. 20x40 cm.

O ponto de partida para a criação deste "mundo particular", foi a elaboração de uma paleta de cores (Figura 2). Tinta acrílica e água compõem a visualidade destes tons que se assemelham a teclas do piano, pela maneira que montei as tiras. Elas são uma promessa de potencialidade, como cita Kandinsky:

Um apertão dos dedos, e saem estes estranhos seres que chamamos de cores, um atrás do outro-exultantes, solenes, férteis, sonhadores, absortos em si mesmo, tremendamente sérios... que têm uma vida própria, independente, com todas as qualidades necessárias para uma existência posterior e autônoma (Laura Gonzáles Flores, 2011, p.78)

E que, para além da cor, temos os tons, as significações, as formas, sonoridades e ressonâncias que elas evocam, num impulso de espiritualizar a matéria.

Dentre as cores que escolhi predominam as quentes, ao contrário das telas anteriores (figuras 3 e 4), realizadas nas aulas de pintura II. Desejava agora uma sensação de amplitude, energia e movimentação que elas podiam oferecer.



Fig. 3 - Gisele Gomes, *Kirimurê*, 2016. Acrílica sobre tela. 70x70 cm.

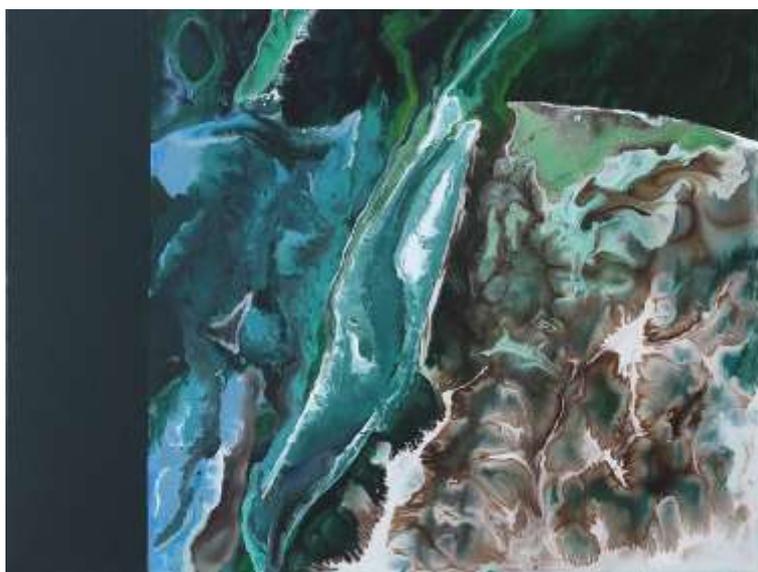


Fig. 4- Gisele Gomes, *Arrebentação*, 2016. Acrílica sobre tela. 80x60 cm.

A cor de partida para a criação da paleta foi o amarelo devido a sensação de expansão que ele sugere, todas as demais levam um pouco dele na sua composição, em maior ou menor quantidade. Em seu estudo sobre cores, Kandinsky nos mostra que o amarelo possui um som agudo, com movimentos excêntricos, se irradia para fora da pintura e sua tendência é ir na direção daquele que olha. O azul, ao contrário, possui um movimento concêntrico, de retração e profundidade quanto mais se aproxima do preto. Este azul profundo, acalma e apazigua, atraindo o homem para o infinito. O verde, união destes contrários, seria o repouso, o equilíbrio. Sua característica é a passividade. O vermelho transborda em vida e agitação. É uma cor voltada para si mesma, devido a sua potência e intensidade. Seu som seria o do violoncelo, com amplitude de sons médios e graves. De sua união com o amarelo, surge o laranja e o movimento que anteriormente estava encerrado em si mesmo, torna-se agora expansivo e radiante, mas com um toque de seriedade, como a voz de contralto. A adição do branco aos vermelhos, trazem jovialidade, frescor, como o som do violino. Mas todas essas características citadas ressoam em sentimentos sutis e as suas nuances cromáticas despertam sensações que as palavras não conseguem descrevê-las em sua amplitude.

A escolha da cor inicial é tão importante quanto o seu inter-relacionamento, podendo o tom dominante ser alterado conforme o andamento do trabalho. Foi o que aconteceu quando fiz a pintura *Expansão* (figura 12), comecei com o amarelo no quadro todo, e a intenção era que fosse assim com alguns detalhes em rosa e branco, mas no decorrer do processo, os rosas e vermelhos dominaram o espaço. Da mesma forma, Henry Matisse cita que quando pintava, aplicava a primeira cor na tela, acrescentava uma segunda, que caso não se harmonizasse com a primeira, ao invés de retirá-la, acrescentava outra para reconciliá-las. E assim prosseguia, até sentir-se esvaziado e em harmonia com os sentimentos que o fizeram começar a tela. Sendo assim, compartilho do pensamento dele de que o quadro era o resultado da criação de uma expressão, que se compunha combinando partes pintadas desigualmente coloridas, como em uma orquestra, onde cada elemento é uma das forças componentes e mesmo que o conjunto se modifique na aparência, o sentimento de unidade permanecerá.

Os rosas que compus, possuem a base do amarelo tipo indiano mais o claro, com a adição do magenta e do branco, em maior ou menor quantidade para

formarmos as quatro tonalidades rosas. Já os vermelhos levam um pouquinho da mesma base inicial e grande quantidade de vermelho cadmio, e são acrescentados nas variações:

- 1) Laca rosa+branco+carmin
- 2) Laca rosa
- 3) Carmin de alizarina
- 4) Laca rosa+branco+carmin+preto de marte

Quando iniciei a pintura do fundo (figura 5), escolhi o azul para começá-la, pois ele expressaria uma retidão, um controle e seriedade. Coloquei-o no canto superior esquerdo, para mostrar o início da leitura do quadro. O amarelo, em contraponto, pintado na tela com movimentos do pincel em direções diferentes, desejava tomar o quadro todo, como uma chama que se alastrava para tocar o azul. Neste fundo que preparei, pude verificar a relação de contraste visual que as cores causam, pelo tom, pela quantidade, pela dimensão da forma que ocupariam, além dos sentimentos que desejam expressar.



Fig. 5- Gisele Gomes,
Pintura inicial da tela *Plexo*, 2019.
Acrílica sobre tela. 90x110cm.



Fig. 6- Gisele Gomes,
Plexo, 2019.

Acrílica sobre tela. 90x110cm

Conforme o desdobramento do processo, novas cores foram adicionadas, seguindo um impulso interno, com ajustes durante o percurso da obra para que o sentimento inicial que abrigou o desejo de mantivesse. Nesta tela *Plexo* (figura 6), o amarelo do fundo, dividiu espaço com o laranja e o vermelho, criando formas elípticas, se expandindo. O azul, contido, surgiu como fissuras, entrecortando os tons quentes, além de preservar sua seriedade inicial.

Apesar da sugestão de formas, que se dão pelo movimento e gestual, o caminho da pintura que escolhi se alicerça na cor, e não no desenho. Ela possui um componente importante na elaboração de significados que é a sua força. Kandynski refletiu sobre este tema, sua utilização e influência sobre o ser humano, e cita duas sensações básicas ao nos relacionarmos com as cores: primeiramente um efeito *puramente físico*, originário do contato com elas, sua beleza, atratividade, sensação de satisfação e deleite. Em um segundo estágio, revela-se a sua força psíquica, vibração e ressonância interna. Ou seja, ela será capaz de despertar eventos internos, associados a agentes físicos, exercendo um efeito sobre a alma, e, intensificar a experiência, torná-la mais profunda, provocando uma ressonância interna "...A cor é a tecla. Os olhos são os martelo. A alma é o piano com suas várias cordas. O artista é a mão que, tocando esta ou aquela tecla com um propósito definido, faz vibrar a alma humana."(Kandinsky, 1999, p.153)

Na pintura *Senhora da minha lareira* (figura 7), parti do vermelho, cor fechada em si mesma, que tem seu domínio nas profundezas, em experiências pessoais simples e decisivas, além de refletir a agitação e o dinamismo da vida. Também utilizei brancos e laranjas para suavizar sua intensidade e abrir alguns pontos de respiro. Tons rosas diminuíram a saturação geral e os amarelos expandiram este calor do fogo que se alastra velozmente, mudando tudo.

O mesmo ocorreu com a pintura *Viração* (figura 8), o vermelho escolhido, remete ao fogo, e traz neste elemento um fenômeno contraditório em seus significados, podendo brilhar no paraíso, aquecer, transmutar; ou queimar, arder no inferno, lançar chamas. Segundo Gaston Bachelar, trata-se de um elemento capaz de explicar tudo, tem características íntimas e universais, além de habitar em nossos corações e demonstrar a nossa humanidade.



Fig. 7- Gisele Gomes, *Senhora da Minha Lareira*, 2019.
Acrílica sobre tela. 80x110cm.

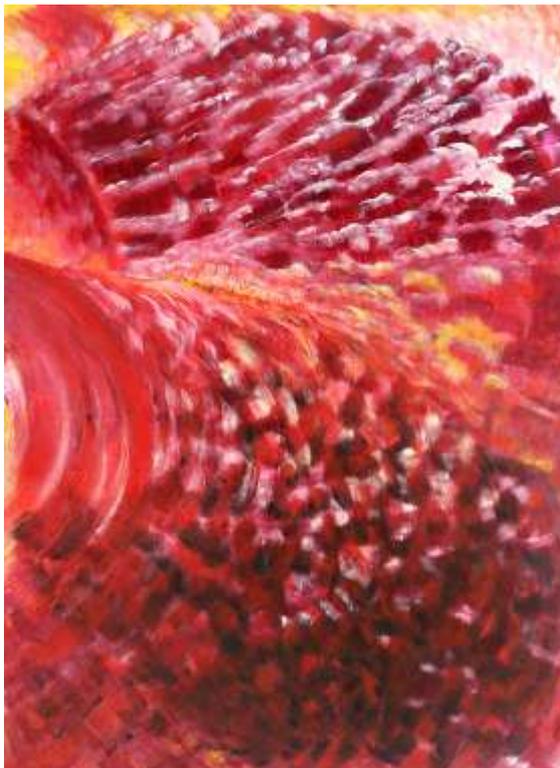


Fig.8- Gisele Gomes, *Viração*, 2019.
Acrílica sobre tela. 80x110cm.

1.2 Formas, movimentos e camadas

As formas surgiram pelo entrelaçamento das cores, espontaneamente, pelo prazer de ver os tons na tela, de misturá-los, sentir o cheiro da tinta; pelo movimento gestual e escolha dos pincéis. Tudo aconteceu de uma maneira intuitiva, sem esboços, pois a pintura planejada, como um projeto, não me interessava. Procurei o acontecimento, o amadurecimento de cada camada e o que viria depois dela. Estas fases do trabalho, de conceber e experimentar tornaram a pintura um mistério para mim, como a própria vida.

Segundo Sandra Rey, "..Para o artista a obra é ao mesmo tempo um processo de formação e um processo no sentido de processamento, de formação de significado..." (Sandra Rey, 1997, p.85). É a obra que me processa enquanto busco formas em movimento, efeitos, ressonâncias, quando experencio cores, procedimentos e materiais. Neste percurso, sou influenciada pelo que já havia feito em pintura e motivada pelo que desejava fazer.

Eu trouxe dos meus trabalhos anteriores a experiência de pintar com muita água, que sempre me interessou pelas marcas e registros que ela possibilita. A maioria das pinturas que realizei começaram por esta técnica: a de colocar muita água na tinta acrílica e construir imagens a partir da dissolução e união destes materiais.

Na primeira camada do quadro, a movimentação da água com a tinta foi muito trabalhada e determinou o seu percurso, marcas e formas. A sobreposição de camadas desta mistura, que tinham uma fina espessura, formavam desenhos que me satisfaziam visualmente, num jogo de esconder e mostrar que tornou-se interessante além do fator surpresa pois enquanto estava molhada, tinha uma aparência brilhante, volumosa. Depois de 48 horas secando, observava sua modificação e com este resultado em mãos decidia o que ficaria aparente e o que seria encoberto por nova camada.

Esta técnica com água resultava em uma série de imagens abstratas que remetiam a sensação de movimento, pelo próprio caminho da água, onde tudo se misturava e envolvia. A água misturava os pigmentos da tinta acrílica, o branco com o azul ultramar e o turquesa. Nas delimitações das cores, formaram-se desenhos e texturas. A espessura determinou o quanto ela se misturou com as

outras. Se ela foi mais concentrada, menos se misturou. Quanto mais água foi acrescentada, maior foi a capacidade de interação entre elas, como pode ser observado na Figura 9, que é a primeira camada de fundo para o quadro *Mergulho*.



Fig. 9 - Pintura inicial da tela *Mergulho*

As escolhas aconteciam de forma espontânea, instintiva, num desafio de desconstruir a figuração, a concretude, utilizando a cor e o gestual como elementos de expressividade.

Na segunda camada entravam as texturas com massa acrílica. Experimentei vários objetos para aplicá-la e o que melhor deu resultado foi a bucha vegetal. Eu apliquei a massa acrílica misturada com cola e tinta branca, porque achei a viscosidade melhor e ela não corria o risco de quebrar. Tentei me aproximar do resultado do trabalho da artista Pia Fries na aplicação destes volumes, observei em um vídeo que ela utilizava uma mistura viscosa com tinta a óleo, fiz várias experiências e acredito que consegui a fórmula que ela utilizava.

Em algumas telas deixei esta característica menos saliente (Figura 10), ficaram apenas marcas sinuosas e que não se tornaram o ponto central do trabalho, como no dela.



Fig. 10 - Detalhe (*Mergulho*)

Na terceira camada, eu entrava com os pincéis e começava a sobrepor com as cores. As pinceladas eram curtas ou longas dependendo do efeito que eu desejava. E assim, sucessivamente as tonalidades iam se misturando até a sétima ou oitava sobreposição. Esta divisão, em níveis, se deu pelo uso da cor. Porque eu utilizava uma no quadro inteiro, esperava secar e analisava qual seria a próxima para dar continuidade.

Para os verdes utilizei o azul turquesa, o branco e o azul ultramar, com o acréscimo do preto de marte para ficar mais escuro. Para os azuis, foi o azul

turquesa acrescido do preto de marfim em maior ou menor proporção. Na última camada eu sempre entro com o branco para abrir os pontos de luz.

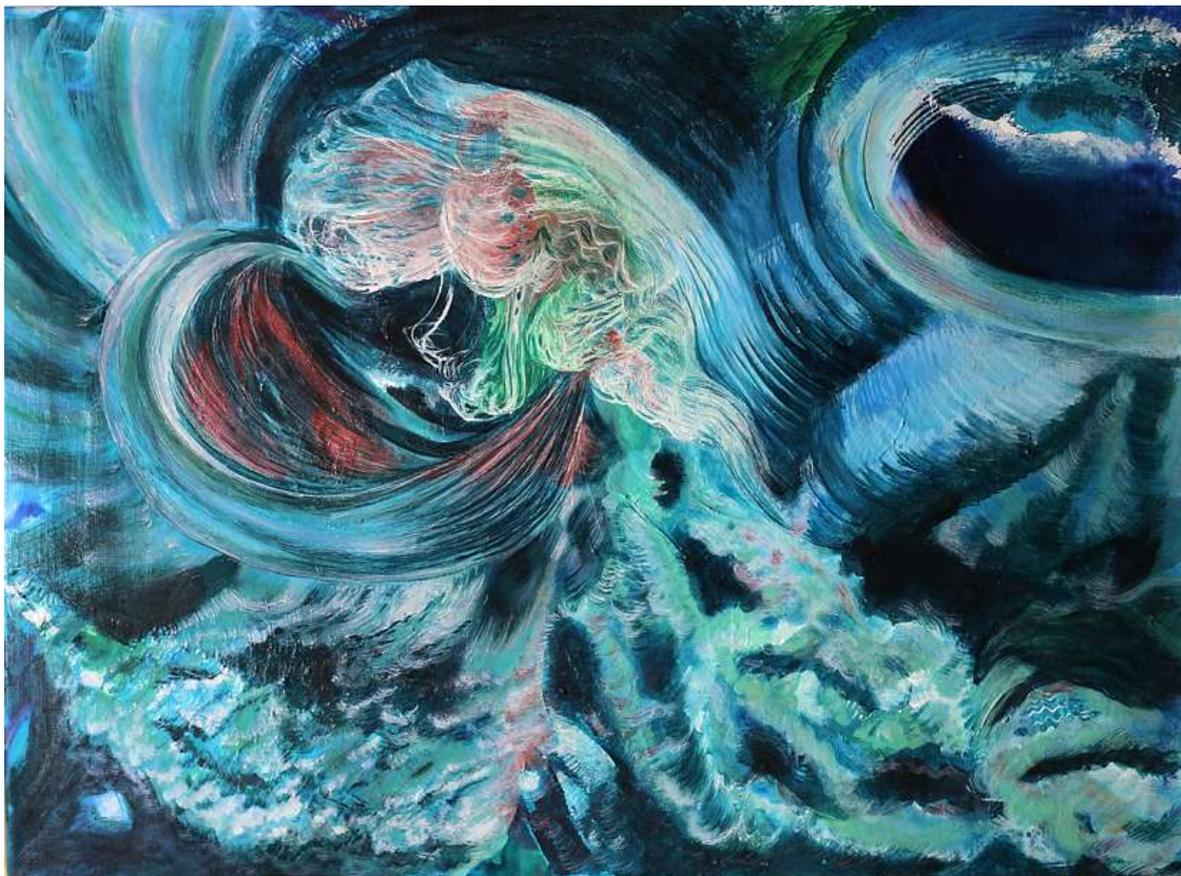


Fig. 11. Gisele Gomes, *Mergulho*. Técnica mista, 67x92 cm.

Em *Mergulho* (figura 11), encontramos um pequeno espaço de respiro e descanso do olhar na lateral superior direita, em tom de azul escuro. Esta forma ovalada foi o que restou da primeira camada de cor na tela. Esta composição é o resultado de aproximadamente oito camadas de tinta no quadro inteiro. Nela, os elementos pictóricos tendem ao movimento, a uma sensação dinâmica, como um caminhar que carrega consigo estruturas densas, volumosas. Os azuis e suas gradações proporcionam um aprofundamento imediato, um mergulho nestas formas esféricas. Ele também é uma cor fria, por isso utilizei os vermelhos e rosas para reconciliá-los, juntamente com os verdes. Formas cilíndricas e tubulares parecem se lançar para fora do quadro, ao mesmo tempo que o azul te

impulsiona para dentro dele. Este contraste entre forma e ressonância cria uma atmosfera misteriosa, silenciosa e volumosa.

A interação entre as cores, os tons, a sobreposição de camadas e transparências, não estavam determinados a priori em minhas pinturas, e os efeitos e as formas surgiram durante o processo do fazer, a poiética. Destes encontros, surgiram elementos orgânicos, elípticos que parecem se mover tanto pelo efeito das pinceladas quanto dos gestos aplicados a elas.

Em relação a forma, que o artista busca, Kandinsky cita que ela é a expressão exterior do conteúdo interior e que:

A forma é sempre temporal, ou seja, relativa, pois nada mais é que o meio, hoje necessário, através do qual a revelação se manifesta, ressoa. A ressonância é, portanto a alma da forma, que só pode ganhar a vida através dela e que produz seus efeitos de dentro para fora. (Kandinsky, 1999, p. 155)

A pintura abarca inúmeras possibilidades técnicas, mas foi preciso produzir, selecionar os materiais, amadurecer os gestos para conseguir o efeito que melhor me expressasse dentro desta linguagem. Quando consegui o efeito desejado, ele tornou-se para mim um acontecimento, uma presença, uma força. Por isso, cada camada tem seu tempo de maturação na construção da forma, quando ela seca demoro dias, semanas a observá-la, tentando compreender o que ela deseja, qual será o próximo passo e somente quando sinto um impulso que complete este desejo, volto a pintá-la.

A questão de figura e fundo foi, para mim, completamente eliminada, pois não penso nestes termos, mas em quantidades de cores para cobrir, sobreposição para completar e pincéis para movimentar. Tudo funciona num ritmo, como numa dança. Forma e conteúdo se apresentam como elementos visuais sugestivos, com a intenção de trazer o olhar para dentro do quadro e convidar o leitor para participar desta dança dos sentidos, como pode ser observado na pintura *Expansão* (figura 12).



Fig. 12. Gisele Gomes, *Expansão*, 2019. Acrílica sobre tela, 70x100 cm.

No quadro *Expansão*, a leitura da imagem é feita num movimento elíptico, que te devolve para ela, essa sensação é causada pelo efeito das linhas em formatos ovalados, que contém e retém o olhar. Elas se movem em várias direções e as cores utilizadas em tons quentes, também sugerem a vibração do movimento, de dinamismo, num desejo de expansão da imagem para além do espaço bidimensional, assim como as ondulações, as formas ovaladas, a sobreposição das cores e camadas. Tudo sugere o próprio mover-se na vida, no mundo. Nesta imagem, os elementos pictóricos se fundem, sem diferenciação entre planos, figura e fundo, proporcionando sensações diante dela, pois como ela não é representacional, não possui um entendimento imediato, a sua fruição dependerá da conexão e interação que o leitor se disponibilizará a fazer.

Em *Retorno* (figura 13), o processo foi completamente diferente das demais, pois ela foi a primeira que comecei e a ideia inicial era alterar o suporte, removê-lo, para que o tecido tivesse mais flexibilidade. Para tal fiz uma mistura no fogo de água com amido de milho e passava sobre o tecido de algodão cru, pendurava no varal para secar e passava mais duas mãos. Mas quando comecei a pintar com a tinta acrílica, que leva água, a base de cola se alterava e sumia em alguns pontos. Isto provocou vazamentos na parte de trás do tecido e ele se deformou. Decidi abandonar esta pesquisa e utilizar o padrão convencional de suporte. Nela, as cores preenchem todo o espaço da imagem em tons suaves de rosas, verdes, amarelos e contrastam com o azul escuro. A maior parte da imagem traz a suavidade dos rosas num descanso para o olhar. Os azuis marcam a presença de linhas curvas definidas em pinceladas longas como na parte da lateral direita da imagem. Apesar da sugestão do movimento pelas linhas curvas e ovaladas, as manchas e registros ocasionados pelas sobreposições de camadas oferecem ao olhar uma sensação de repouso.



Fig.13. Gisele Gomes, *Retorno*, 2019. Técnica mista, 80x90 cm.

A artista suíça Pia Fries² tornou-se uma referência no desdobramento da pesquisa pictórica, pela expressividade de suas formas espontâneas, as quais ela constrói através de volumes (figura 14), texturas, com algumas insinuações figurativas e também pelos métodos que utiliza, pintando com objetos inusitados, como um espremedor de batatas. A materialidade, a cor, e a busca pela sensação de movimento também são importantes no trabalho dela. Suas bases de tinta são escultóricas, vívidas e pictoricamente se juntam a linhas, texturas e camadas.



Fig.14. Pia Fries, *Polígono K2*, 2007. Óleo sobre tela, 47x37,5 cm.

No quadro *Profusão* (figura 17), me aproximei mais da técnica desta pintora. Com uma mistura de massa acrílica e tinta, apliquei camadas espessas na tela e com o auxílio de espátulas de cozinha, fiz estas texturas na tela (figura 15), me lançando a volumes mais generosos.

² Pia Fries é uma artista Suíça, foi aluna do pintor alemão Gerhard Richter, e seu trabalho se inspira nas gravuras do desenhista, pintor e gravador holandês Hendrick Goltzius (1558-1617)



Fig. 15. Gisele Gomes, Detalhe (*Profusão*), 2019

Para esta tela, utilizei a paleta de cores inteira que fiz para este trabalho de pesquisa. Além de aplicar todos os métodos descritos, com a base da tinta com muita água, massa acrílica, muitas camadas, agora os volumes eram muito mais salientes e todas as cores se misturavam, além do aparecimento de elementos que se destacavam do restante, como se quisessem descolar da imagem (figura 16). Este efeito foi obtido pelo contraste da cor do fundo azul escuro com a forma amarela volumosa, feita de espessas camadas de massa acrílica e tinta aplicadas com espátula.



Fig. 16. Gisele Gomes, Detalhe (*Profusão*), 2019



Fig. 17. Gisele Gomes, *Profusão*, 2019. Acrílica sobre tela, 80x90 cm.

No quadro *Profusão* (figura 17), os volumes que parecem descolar da pintura podem causar um certo incômodo, por não se integrarem aos demais elementos da imagem, o que me interessou como pesquisa. A intenção foi propositada, parece que ela deseja sair da tela e em alguns pontos, já o fez. A massa de pontos quentes, amarelados na parte inferior evidencia uma forma que deseja mover-se contrapondo com o repouso do azul e dos verdes. As linhas curvas parecem continuar para fora do espaço pictórico. O quadro é repleto de pequenos detalhes, feitas por vários tipos de pincéis. As etapas foram muitas, e, para me lembrar do que cada camada condensou pictoricamente, registrei-as. Este recurso me ajudou a compreender as escolhas, os deslocamentos e o caminho de significados que a imagem construiu.

1.3 Gestos e pinceladas

O pincel tornou-se uma extensão do meu corpo, foi ele juntamente com a tinta na tela que explicitaram a minha intenção. A escolha do pincel junto com o movimento de minha mão encontraram a forma almejada, de acordo com a velocidade e tamanho dos movimentos, geraram pinceladas curtas, longas, vagarosas e rápidas, formaram elementos redondos, ovais, curvos e lineares. Algumas vezes os pincéis não foram suficientes para me expressar e fiz uso de outros instrumentos como espátulas de cozinha, bicos de confeitaria e bucha vegetal.

Novos modos de viver, com a utilização da tecnologia, podem obsoletizar nossos corpos e gestos, tornando o movimento mecânico e sem expressão. A emoção e a expressividade se fazem necessárias nas artes, e na pintura o gesto é determinante, assim como na dança, pois o corpo também se movimenta com a tela na posição horizontal ou vertical. O braço e as mãos o acompanham e a marca deste movimento é a pincelada, registro deste corpus performático, assim com a imagem fotográfica é captura de um momento.

Van Gogh, cita em uma de suas cartas em relação as pinceladas e formação de texturas que:

Não sigo nenhum método em meu uso do pincel; cubro a tela com pinceladas irregulares, que deixo sem retocar; camadas espessas de tinta, aqui e ali áreas em que a tela fica exposta, partes são deixadas completamente inacabadas, pedaços retrabalhados, qualidade irregular: o resultado final, acredito, é suficientemente perturbador e irritante para não agradar às pessoas que têm ideias preconceituosas a respeito da técnica. (Yve-Alain Bois, 2009, p.42)

Esta liberdade no uso do pincel, que Van Gogh caracteriza como falta de método, é essencial na minha pintura, pois meu braço, antebraço, mãos e dedos tornam-se um catalizador, misturando, colocando, movendo os materiais na tela, agindo rapidamente neste ato, promovendo planos e volumes.

Pinceladas longas foram utilizadas para construir as linhas coloridas da pintura *Retorno* (figura 19), traços marcados pelas cores, com sensação de

volume e movimento. Nela, busquei uma proximidade com a pintura da Pia Fries (figura 18).



Fig. 18. Pia Fries, *Polígono g13*, 2007. Óleo sobre tela, 60x80 cm. **Fig. 19.** Gisele Gomes, *Detalhe(Retorno)*.

Meu papel foi oferecer uma rota para que as coisas acontecessem, para que este fluxo energético não se interrompesse e encontrasse seu destino na tela. Muitas sensações foram vivenciadas, todas se misturaram com a tinta e com o desejo de aparição de uma forma que traduzisse este turbilhão de emoções.

A imagem formada na tela, naquele espaço pictórico, tornou-se ressonância-repercussão, ela encontrava-se em mim, em minha imensidão, e na obra de arte, trata-se de uma duplicidade fenomenológica, segundo Bachelard

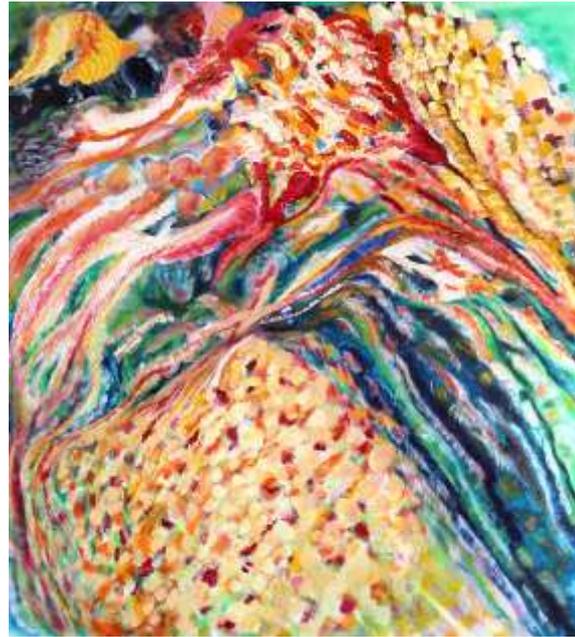
"..uma que leva as exuberâncias do espírito, outra que vai as profundezas da alma." (Bachelard, 2008, p.187). Este conceito, para ele, estava ligado a criatividade, a consciência imaginante que se descobre ao ser tocado pela dupla ressonância-repercussão. A consciência imaginante se descobre como origem de diversas imagens poéticas e as obras de arte seriam o subprodutos desse existencialismo do ser imaginante. A espacialidade poética transita entre a intimidade profunda e a extensão indefinida, são dois espaços, o íntimo e o exterior, os dois se estimulando incessantemente.

Neste processo de estímulo, de criação, de significação, inventei e criei minhas próprias regras para instaurar a obra e minha visão particular de mundo. Este acontecimento se deu através da obra se fazendo, de uma metodologia de trabalho em ateliê com seus procedimentos e acasos, além dos materiais e meios para a obtenção de efeitos, formas, volumes e transparências. Ressaltando não apenas o material em si, como a massa acrílica, a tinta ou o *medium*, mas o que eu poderia conseguir deles e com eles, lembrando que todos combinam e coexistem no espaço pictórico. Foram muitas tentativas, erros e acertos pois o desejo era transcendê-los e fazer descobertas que pudessem lançar a imagem além do suporte bidimensional, da plástica habitual, costumeira, para isso, me lancei em aventuras sobre texturas, volumes, espessuras, transparências, sobreposições, cores e efeitos.

2. As obras



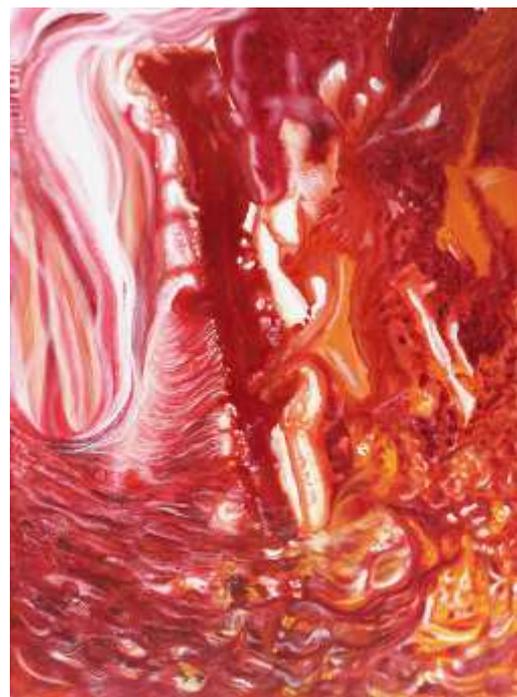
Gisele Gomes, Retorno, 2019
Técnica mista sobre tela. 80x90cm.



Gisele Gomes, Profusão, 2019
Acrílica sobre tela. 80x90cm.



Gisele Gomes, Viração, 2019
Acrílica sobre tela. 80x110cm.



Gisele Gomes, *Senhora da Minha Lareira*, 2019.
Acrílica sobre tela. 80x110cm.



Gisele Gomes, *Plexo*. Acrílica sobre tela, 90x110 cm.



Gisele Gomes, *Mergulho*. Acrílica sobre tela, 67x92 cm.



Gisele Gomes, *Expansão*, 2019. Acrílica sobre tela, 70x100 cm.

CONCLUSÃO

Este processo de busca e pesquisa gerou deslocamentos internos, em relação a sentimentos e pensamentos que desejavam se expressar através de cores e formas, além das mudanças físicas como a compra de materiais, a movimentação da tela, do local de trabalho e de exposição. O tempo todo eu estava me movendo, fazendo coisas diferentes, me deparando com novos desafios.

A cada pincelada, uma nova questão se apresentava para resolver em relação as cores, transparências, sobreposições, formas e efeitos. Trata-se de uma atividade desafiadora, agonística e prazerosa, que percorre uma caminhada na existência, com começo, meio e fim. É como estar em uma aventura, sabe-se o local de partida, mas se desconhece, com exatidão, como e onde chegar. Assim é a pintura, um processo de apropriações, permissões, percepções, experiências e acasos. Fruto de muito trabalho, ela foi instaurada neste caminho de saberes internos e externos, com a combinação e coexistência de materiais, gestos e escolhas.

Ao findar este ano, sete telas foram concluídas e, dentre elas, quatro foram selecionadas para a exposição na Galeria Espaço Piloto (figura 20). Apesar da diferença de tamanhos, foi garantida a unidade da composição pelo aspecto pictórico que as imagens conferem.

Acrescida de novos conhecimentos, percebo que as pinturas finalizadas são o resultado do envolvimento com um processo de descobrimento, de entrega, de desejo por expansão de saberes, pois o que em mim habitava como pulsão se tornou aparente, pela plenitude deste transcurso, e ganhou a consciência da sua presença no mundo.



Fig 20. Expografia - Galeria Espaço Piloto, 2019

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BACHELARD, Gaston. *A psicanálise do fogo*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

BOIS, Yve-Alain, *A pintura como modelo*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. - (Coleção mundo da arte)

CHIPP, Herschel B. *Teorias da arte moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FLORES, Laura Gonzáles. *Fotografia e pintura: dois meios diferentes?* São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. - (Coleção Arte&Fotografia)

KANDINSKY, Wassily. *Do Espiritual na Arte*. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1996.

REY, Sandra REY, Sandra. *Da Prática à Teoria: Três instâncias metodológicas da pesquisa em poéticas visuais*. Revista Porto Arte, Porto Alegre, v. 9, n.13, 1997.

REY, Sandra; BRITES-UFRGS, B. ; TESSLER, E. ; LANCRI, J. . *Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais*. In: Blanca Brites; Élide Tessler. (Org.). *Metodologia da Pesquisa em Artes Visuais*. Porto Alegre: UFRGS, 2002, v. , p. 123-140.

SITES

FRIES, Pia. Exhibitions. Disponível em:

<http://www.mam.paris.fr/en/expositions/exhibitions-pia-fries>. Acesso em 3 julho.2019.

NEWMAN, Barnett. Ornamento I. Disponível em:

https://www.moma.org/collection/works/79601?artist_id=4285&locale=pt&page=1&sov_referrer=artist. Acesso em 20 de outubro de 2019.